

PARANÁ | JULHO DE 2011 | EDIÇÃO 11

*Camila Cassins
Christiane Angelotti
Daniel Zanella
Guylherme Custódio*

*João Romova
Sergio Vilas Boas
Eriksson Denk
Georgia Caroline*

Relevo

Relevo

Editorial

“Esta pequena dor à portuguesa / tão mansa quase vegetal”.

Alexandre O'Neill,
em *Tempo de Fantasmas*

A belíssima cidade de Gramados é considerada um dos maiores polos culturais do sul. Além de abrigar os festivais de cinema e publicidade, oferece uma gama considerável de bancas de jornal e revistas temáticas. Entretanto, a Feira do Livro, localizada na cativante Rua Coberta, não contou com um título sequer de Rubem Braga em seus estandes.

O exemplo, apesar de hiperlocal, serve de leve parâmetro sobre o desconhecimento literário do brasileiro acerca da crônica, inclusive daqueles

que trabalham com a venda de livros. Alguns argumentos são apontados para o fenômeno: hábito de leitura parco, memória coletiva irrisória, pouco apelo de marketing da dita literatura e a própria crise de identidade do livro, catapultado por muitos ao limbo mais longínquo. [Outros definem que o leitor brasileiro, quando não caminha em direção as leituras mais rasteiras, entrega-se ao romance.]

Não há como oferecer algum tipo de panorama mais extenso sobre o tema, mas podemos argumentar em defesa

da crônica – e da literatura em geral – que há um público fiel a ser descoberto, que prestigia a crônica e compartilha do universo particular desse escritor, um anfíbio do cotidiano. E há muita gente escrevendo e lendo crônicas diariamente, muitas vezes até sem atentar-se para discussões de gênero, em tese, enfadonhas.

A edição 11 do Relevo está aqui: para permanecer a crônica e dialogar com o leitor.

Uma boa leitura a todos.

Colaboradores

Marcos Monteiro

Cursa 4º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica suas fotografias no endereço flickr.com/marcos_fe e textos no endereço dis-fim.wordpress.com

Carol Jamhour

Ilustradora e artesã curitibana. Publica seus materiais no endereço fadamariposa.blogspot.com

Georgina Caroline

Designer, cantora e cronista curitibana, publica seus textos no endereço georgina-caroline.blogspot.com

Camila Cassins

Cursa 2º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica seus textos no endereço milabrincs.blogspot.com

João Romova

Escritor. Publica seus textos no endereço lapisderomova.wordpress.com

Daniel Zanella

Cursa 4º período de Jornalismo na UP. É colunista do periódico Notícias Paraná e integra algumas coletâneas por editoras independentes. Publica suas crônicas no endereço www.lettrasnumcanto.com.br

Guyherme Custódio

Jornalista curitibano. Publica seus textos no endereço di-vag.blogspot.com

Christiane Angelotti

Escritora e editora paulistana. É mantenedora do site educativo ABC KIDS - abckids.com.br - e publica seus textos no endereço diariodeu-mapaulistana.blogspot.com

Eriksson Denk

Jornalista catarinense, secretário de redação da Banquinho Publicações. Publica seus textos no endereço banquinhopublicacoes.com.br

Sergio Vilas Boas

Jornalista, escritor e professor. É Autor do livro “Perfis”, entre outros. Publica seus textos no endereço sergiovilvasboas.com.br

Robertson Luz

Jornalista e repórter fotográfico graduado pela Universidade Positivo, atua como freelancer para a Agência Estado e a Gazeta Press.

“A INDÚSTRIA DA DIFAMAÇÃO”

Ao aceitar a função de ombudsman eu e a direção do jornal sabíamos das consequências e prováveis reações contrárias no meio jornalístico. Não foram novidade a recepção fria e a reação irada dos primeiros jornalísticas criticados e principalmente, dos jornais concorrentes. O que se segue, portanto, é a crônica de uma reação previsível.

Caio Túlio Costa

✓ Expediente

Edição: Daniel Zanella

Revisão: Kelly Knopik

Diagramação: Marcos Monteiro e Daniel Zanella

Fotógrafo responsável: Marcos Monteiro

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 06 de julho, 15h.

🗨️ Contato

Twitter: www.twitter.com/jornalrelevo | Facebook: Jornal Relevo

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com



O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Meu Amor Ou Para dizer de copos

Daniel Zanella

Meu amor, não que seja urgente, mas preciso te dizer: não me peça mais que durma quando digo que irei escrever. Eu sei, eu sei. Escrever crônicas não paga as contas, sequer enche a garrafa de água da geladeira. - Ontem você estava com sede e nada tinha em minha casa, apenas futebol na tevê -. É madrugada agora e a madrugada está quieta, escutando minhas aflições com paciência, afinal, a noite sabe que a manhã está pra chegar e com ela os raios sem escolha e as tribulações cotidianas. Amanhã novamente entregaremos listas telefônicas, meu amor, eu e os rapazes com seus quase dezoito anos, ainda inconscientes que são dos custos da vida, eles receberam hoje, estão contentes, um deles, veja só, até cortou o cabelo, outro irá se alistar ao exército. Adianto pra você que a corrida das primeiras horas do dia reservará a ligação do nosso supervisor, a saber se estamos atingindo as metas, responderei amenidades porque preciso dessa grana, não tem muita gasolina no carro e queremos viajar juntos e colher amplitudes, eu e você.

Meu amor, não é por mal que lhe digo algumas coisas. Saiba que é você que me impede de cair, escuta os receios que consigo dizer. Apenas seus olhos verdinhos ficam encharcados de um carinho ancestral, sábia que é das dores menores e das fomes mais fundas. Entretanto, há muitas vozes, muitas, e essa vida e seus prazeres custam tanto, seis reais duzentos gramas de castanhas (e nem estavam tão boas) e esses filmes, meu amor, e esses filmes que vangloriam o amor, a liberdade, a arte, mesmo que meus talentos sejam assim tão modestos?

Meu amor, é preciso que as letras lidas sejam cicatrizes, nossa pele, não podemos esquecê-las, a arte conta o engenho de dentro e o mundo quer que a gente levante cedo, não, não vamos levantar cedo, vamos dormir somente quando o cobertor do cansaço pairar sobre nós e quando nosso amigo querido pedir um canto em nossa modesta casa - não precisamos de confortos extremos - diremos a ele pra que tome mais um copo de

nosso vinho antes de dormir e buscaremos a melhor manta para seu descanso e oferecemos todo o calor que nos for possível.

Meu amor, é preciso que nossos braços sejam voltados a todos que nos querem bem, aos que prestigiam nossa presença, não deixemos nossos recursos à mercê de chefes que discutem a mobília da casa quando estão de férias, não deixemos que a semana dure somente dois dias de seu final, não aceitemos que o domingo - o dia em que os jardins amanhecem cobertos de viço e de lirismo - sejam dias a lamentar a segunda-feira que logo chegará.

Meu amor, é preciso que você me ajude nesse caminho tortuoso que é o alfabeto porque sim, é preciso mesmo algum dinheiro, não muito, mas nossa cozinha precisa ter bons

mantimentos pra quando recebermos nossos parentes cativos, não todos, alguns a gente fecha a porta, mas é preciso que você me dê a mão e aponte ao centro dela, tenho dificuldades, você sabe, de encontrar o equilíbrio, já o tive mas nem lembro quando, não há razão em outras mulheres, só há você, embora você ainda não compreenda a poesia, inclusive as tragédias.

Meu amor, é quase hora de dormir. Talvez um amigo me convide pra ouvir canções, você não estará comigo porque dorme e acordará cedo, como eu. Um dia, quem sabe, isso será diferente. Nossos amigos virão até nós em plena segunda-feira de noitinha, sem avisar, serviremos vinhos que só tomamos com os amigos confessos, os músicos tocarão melodias que cantaremos felizes, alguns

escolherão as cartas e beberão cervejas que serviremos sempre que acabar a espuma dos copos, nossos pais aparecerão contentes pra nos desejar boa noite e brincar com as crianças da casa, deixaremos que o fumante fume livremente, de preferência na varanda, é claro, e apresentaremos uma nova amiga a um velho amigo nosso que há muito tempo tenta curar suas cicatrizes de amor, eles se entenderão, darão as mãos e dividirão olhares de cumplicidade.

E quando a casa perceber que uma nova estrela riscou o céu porque o amor risca a escuridão, todos seremos ainda mais amigos e celebraremos mais uma noite porque estamos vivos e esplendurosos de viver.

E não nos preocuparemos jamais com a hora de acordar.



Carol Jamhour

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

**Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial**

Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895

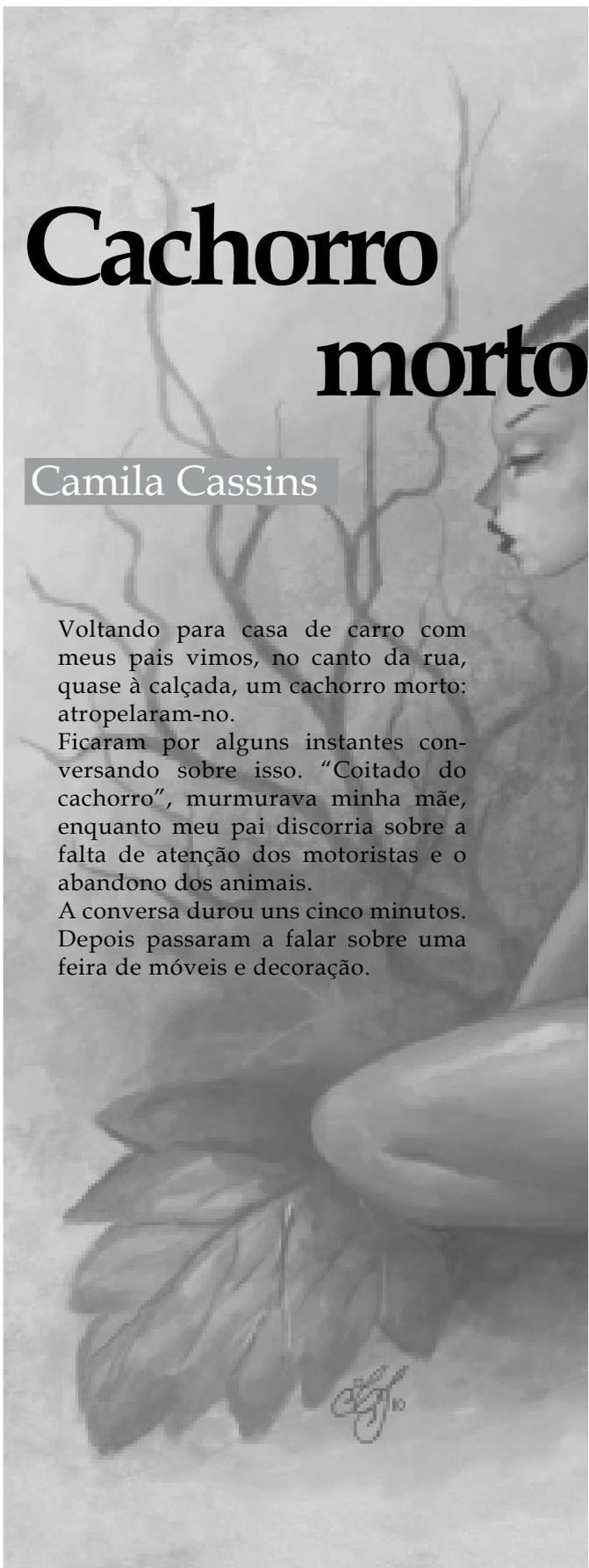
Cachorro morto

Camila Cassins

Voltando para casa de carro com meus pais vimos, no canto da rua, quase à calçada, um cachorro morto: atropelaram-no.

Ficaram por alguns instantes conversando sobre isso. "Coitado do cachorro", murmurava minha mãe, enquanto meu pai discorria sobre a falta de atenção dos motoristas e o abandono dos animais.

A conversa durou uns cinco minutos. Depois passaram a falar sobre uma feira de móveis e decoração.



Carol Jamhour

Georgia Caroline

É feriado?

ENQUANTO ando, escuto o barulho só lá fora.

Nos carros, nas pessoas, no acontecer se acontecendo.

Consigo ouvir meus passos, que tilintam o zíper da jaqueta.

Consigo ouvir o movimento do ar entrando e saindo do peito apressado (deve estar atrasado).

Mas aqui do alto do comando central, o pessoal esqueceu de aparecer

Ainda não descobri se é dia de folga ou motim.

Mas tá um silêncio...

Cada um com seus cada um

TENHO medo de aranha pernuda.

E de atravessar a rua quando o sinal tá aberto.

Particularmente, preferia não ter nunca que tomar banho depois que fica escuro.

E tenho medo de cortar o dedo junto com a carne congelada.

Medo de ser chata além da conta.

Também tenho medo de um dia desistir de tentar.

Mas o que gela mesmo minha coragem é o medo do tal "não era bem isso".

Ui, dá até um ruim...

Lulli
PAPELARIA

Fone: 41 3642 1033

Rua Coronel João Xavier, nº682, Centro - Araucária - PR
vendas@papelarialulli.com.br - www.papelarialulli.com.br

BANCA

Zanella

* Jornais * Revistas * Livros
* Recargas de celular * Presentes

41 3031-6594

Rua Pref. Aleixo Grebos, 210, Fazenda Velha - Araucária - PR
(ao lado do Peritran - próximo à Câmara Municipal)



Carol Jamhour

Grafites

João Romova

Disseram que minha escrita era demasiadamente cinza. Peguei meus lápis para buscar alguma culpa nos grafites. Rabisquei as paredes, os papéis, o chão. Vi lá todas as minhas cores. Meus azuis, meus amarelos e meus marrons.

Disseram que minha escrita tinha gosto de choro. Olhei minhas cicatrizes e não senti nenhum medo. Passei o dedo sobre a que estava no joelho, senti cócegas. Lembrei das muitas bicicletas, das minhas árvores e de todos os beijos.

Nasci feliz.

Em mim habitam as cores e os risos que não estão em meus hostis.

Carol Jamhour

O Tempo [não] Passa

Guyherme Custódio

Teve outros corpos, outras namoradas, outros casos, mas ninguém foi igual. Ela também teve outros.

Cinco anos se passaram. Um namoro para ambos. Ele procurava evitá-la. Sofreram ambos, com o namoro e com a separação, mas sofria(m) mais afastados. Após vagar por outras sentia cada vez mais que era ela quem queria. Somente ela o completou. Só podia dar certo com ela novamente. O tempo afastado serviu para mostrá-lo o quanto foram felizes juntos. E essa felicidade poderia se repetir?

Soube que estava solteira. Liguei. Será que o número ainda era o mesmo? Por um instante quis que ela não atendesse.

Olhou o número no identificador e sabia que conhecia, demorou alguns instantes para lembrar-se quem era. Nem tinha mais na agenda. Ficou surpresa ao lembrar.

Atendeu. Ele propôs um encontro e ela aceitou.

Após uma longa conversa, tocou-lhe a mão e foi ao ponto que desejava, mesmo com algumas dúvidas.

A resposta demorou cerca de um minuto. Mas parecia a eternidade. Senti vontade de correr, mas já que perguntou teria que esperar a resposta. Suava frio. Aquele tempo de reflexão dela fazia com que o tempo não passasse...



Seedorf acerta com o Criciúma

Eriksson Denk

“Não é brincadeira, não (ênfatisa o não)”, solta o nada comedido, Seedorf.

Segundo vossa senhoria, o fato é mais concreto do que qualquer terrorista jogado ao mar. Seedorf, aquele meia habilitado do Milan, da Itália, é mesmo o novo reforço do Criciúma para a disputa da série B – rigoroso certame que exige jogos na terça em Natal e na sexta em Caxias do Sul. Com 64 anos de história, o tigre amarelo de Santa Catarina acaba de “marcar o tempo no futebol brasileiro”. No comando de ataque Seedorf, Schwenck e Breitner. Era tudo o que Edson Gaúcho esperava para montar seu próprio esquadrão Seal.

Antes do acerto, porém, Seedorf foi disputado pelo tradicional Águia, de Marabá; pelo assaz aguerrido Brasil, de Pelotas; pelo não menos bombonera Paysandu, de Belém; e pela fama do mais novo estádio do Luverdense, de Lucas do Rio Verde. Seu passe vale ouro. Casado com uma brasileira, falador semi-nato desta língua que se lê, e dono de um currículo que contempla três títulos da Liga dos Campeões por três times diferentes (Ajax, Real Madrid e Milan), sua passagem de navio ao Brasil estava garantida. Estava?

Nas últimas semanas, o surinamês de 35 anos deixou escapar que renovaria com o Milan. Um arcaico chorou, duas jovens promessas da tevê brasileira comemoraram e a torcida do Criciúma se viu órfã do talento. “A queda para a C é eminente”, soltou Gaúcho numa entrevista coletiva sob a presença de 165 jornalistas.

O técnico do combinado barriga-verde ainda reclamou da exposição do “contrato” na mídia e exprimiu sua indignação com sua leitura diária. “Aqui no sul, no jornal ‘Minérios News’, todo dia se lia manchetes de garantia 101%. Num dia explicavam os detalhes do vínculo, noutra a expectativa da torcida, num terceiro a valorização da camisa e o marketing do clube, um quarto comentou a atração por nomes de peso e o quinto largou uma entrevista com o grande craque da história recente do time”, disse, aos prantos. “O ex-craque havia me garantido via Twitter: ‘ele virá’”.

Nada interessado na novela especulativa brasileira, que lotou programas esportivos e jornais com desinformação, Seedorf renovou com o Milan, atual campeão italiano.

Seu pré-contrato do Criciúma será usado como pedra fundamental do novo estádio do time, o Praierão. Um dirigente do clube lamentou, em nota oficial, que “só faltou assinar”.

Em tempo: o Americana, de São Paulo, montou um pré-contrato para trazer Messi. Só falta assinar.

Robertson Luz

Papelaria Independência

• Material Escolar • Material para Escritório

FONE/FAX: 41 3462-8858
m.opis@hotmail.com

Av. Independência, 542 - Porto das Laranjeiras - Araucária/ PR

Panificadora e Confeitaria
Pão e Vinho

Trabalhamos com livros sob encomenda

(41)3642-3552

Av. Dr. Víctor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

A PRIMEIRA VIAGEM DE AVIÃO

Christiane Angelotti

Não é difícil perceber um passageiro de primeira viagem. Sorriso largo, passos firmes, peito estufado. Todo cheio de si, costuma estar nervoso, não sabe o que o espera.

Ao entrar na aeronave aperta a mão de cada uma das comissárias de bordo, do piloto, co-piloto... Se tiver um passageiro parado na porta por algum motivo, também será cumprimentado. Ou então é daqueles que estranha ser recepcionado e timidamente sorri, devolvendo o cumprimento elevando as sobrancelhas.

Ele faz questão de sentar na janela do avião, comprou sua passagem com essa condição e até escolheu a poltrona um pouco longe da asa, para ter uma visão melhor.

Parecendo criança colada na vitrine de uma loja de brinquedos, toma toda a janela para ver os outros aviões manobram na pista. Procura uma forma de abrir a janela e vendo que não tem, fica com o nariz grudado no vidro. Tem dificuldade com o cinto de segurança, ou só lembra quando uma das comissárias de bordo avisa.

__ Como coloco esse troço? - Pergunta ao passageiro ao lado, que, então, o ajuda.

A comissária de bordo vem oferecer-lhe jornais e revistas. Ele observa a reação do passageiro ao lado para copiá-la. Por um momento imagina que terá que pagar.

Quando o avião começa a correr pela pista, ele gruda na poltrona. Segura firme em seus braços e faz expressão de "Ave Maria" (chamando por Nossa Senhora, Deus ou algum Santo protetor de alguma causa), caracterizada pelo olho arregalado e uma nítida tensão facial.

Com o avião levantando vôo, olha pela janela. Sente tontura ao ver a cidade torta lá embaixo. Chega a se arrepender de ter pegado aquele lugar.

Com o avião já no ar ele sente certo alívio. Se assusta com

a voz do comandante avisando sobre a demonstração de rotina, dos procedimentos de segurança.

Acha engraçado as aeromoças fazerem um gestual para explicar cada procedimento. Mas fica atento ao que fazer caso aconteça uma depressurização. Sente até falta de ar ao imaginar a hipótese.

Tem vontade de perguntar se tem paraquedas na nave. E sente a cabeça rodar ao imaginar um pouso forçado no mar.

Após passada a sessão tortura dos procedimentos de segurança, tenta relaxar.

Com muito receio, olha para o lado, para a janela. E se encanta ao ver as nuvens que parecem algodão e o céu azul imenso, brilhante.

Ao servirem a refeição, timidamente faz o seu pedido. Guarda no bolso tudo o que pode levar para as suas crianças: garfinhos do avião, potinhos de geléia, saquinhos de biscoito, guardanapo com o logotipo da empresa aérea...

Lembrei de uma vez em que viajava com um senhor ao meu lado e o comissário de bordo trouxe-nos aquelas toalhinhas aquecidas que vêm em rolinho para higienizar as mãos antes do jantar e ele recusou. Depois me perguntou:

__ O jantar é só essa tapioca?

A maior parte do vôo de um passageiro iniciante é com ele olhando a janela. E o deslumbramento em que fica quando o avião se aproxima do destino e ele reconhece algo?

__ Ah, os morros do Rio... Cadê o Cristo? - Conversa o passageiro com ele mesmo.

Até que em segundos o avião aterrissa. E ele volta a fazer "Cara de Ave Maria". Ao final acha tudo tão rápido que comenta com todos os passageiros ao seu redor:

Marcos Monteiro

Informações e Matrículas
41 3642-3802 / 3552-1231
colegio@joaopaulo1.com.br



O MELHOR ENSINO

Educação Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Médio
EJA - Fundamental e Médio
Eletrotécnica

Meio Ambiente
Segurança do Trabalho
Administração
Logística
Qualidade

www.joaopaulo1.com.br

Rua Adilha Saad, 981 - CEP 83703-140 - Porto das Laranjeiras - Araucária - PR

Toda Viagem

Sergio Vilas Boas

Carol Jamhour



Toda viagem é uma interação com o desconhecido, mesmo quando o destino nos parece previsível. Minutos de metrô rumo a um museu ou meses de planejamento para desembarcar no interior do Vietnã: não importa. Jamais sabemos exatamente o que nos espera. Aliás, a vida seria muito sem graça sem o imprevisto, por mais que nossas mentes auto programáveis se iludam com certas certezas.

Toda viagem é uma comunicação. Envolve encontros e desencontros, sorrisos e despedidas, conceitos e preconceitos. Sinto que nós, brasileiros, aprendemos a aceitar que somos como somos porque nossa cultura possui uma diversidade diferente da diversidade de outras culturas; porque, no fundo, cultura é a arte de viver de uma maneira específica, escolhida.

Toda viagem é um movimento. Extrapola as noções de fronteira, bandeira, hino, moeda, idioma. Quem viaja, de fato, transita. Abandona provisoriamente as suas intolerâncias e ressentimentos a fim de praticar o olhar e a escuta. Quem transita, sai de seu centro a ponto de atingir as periferias. Nós, brasileiros que ainda podemos fazer uma viagemzinha de vez em quando, ainda estamos aprendendo a transitar pelas diversidades do mundo.

Toda viagem é uma migração (temporária). Independentemente da finalidade, essa transição nos coloca em conflito. As sociedades do passado remoto inventaram rituais de hospitalidade para evitar banhos de sangue entre tribos estranhas e permitir um mínimo de intercâmbio entre elas. O hóspede passava a ser sagrado, mas não podia permanecer.

Toda viagem é uma interrogação. Nossas malas empoeiradas no armário es-

tão cobertas de dúvidas. Por que as coisas aqui são como são? Por que a minha cidade não é tão bonita e organizada quanto esta? Por que não mudo para cá, para lá? Por que não me mudo de forma alguma? Porquês, porquês, porquês. Torrentes que não se calam nem diante dos nossos pretextos. Como é possível? Não sei. Só sei que é assim. Por enquanto.

Toda viagem é única. Como o humano ser, as viagens não se repetem. Você, que desembarcou várias vezes no mesmo lugar, me diga: foi a mesma coisa? Até as aves de arribação acabam descobrindo rotas diferentes para pousos iguais. "O pássaro é um vento orquestrado/ O pouso pesa o que foi voado", escreveu o poeta Fabrício Carpinejar no livro Biografia de Uma Árvore, através do qual estou viajando.

Toda viagem é uma lembrança. Segue conosco aonde formos. É a bagagem sem peso que levaremos até o derradeiro instante. Mas, para maior autenticidade, uma viagem precisa também de retorno e de volta. Uma volta às origens. Sim, porque, se não somos videntes e a única jornada sem volta é a de viver, então só nos resta contemplar ativamente.

Toda viagem é um sonho. Podemos até induzi-la com um pouco de imaginação. Imagine-se agora saindo de casa para uma viagem sem rota nem destino. Cair no mundo como aqueles personagens errantes dos filmes on the road. Feche os olhos, acompanhe seus passos, observe a sua trajetória. Daí que o próprio viajar é a melhor parte da viagem, mesmo que ela não se realize.

O que existe de melhor no conceito de cafeteria, você encontra em Araucária

CAFÉ DUETTO
O melhor do café brasileiro
41 3642 3344

Tortas
Trufas
Coquetéis

Tortinhas
Café espresso

Shopping Araucater
Av. Victor do Amaral | 1020 | Centro | Araucária | PR

→ PASSAGENS AÉREAS
→ RESERVAS DE HOTÉIS
→ LOCAÇÃO DE VEÍCULOS
→ PACOTES TURÍSTICOS
→ CRUZEIROS MARÍTIMOS

AGILLE
Viagens & Turismo

PRODUTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Tel.: 41 3044.2801 | www.agilleviagens.com.br

Av. Dr. Victor do Amaral, 588 - Loja 13
Shopping ONIX - Araucária / PR

ADVOCACIA
ASSESSORIA JURÍDICA

TRABALHISTA | EMPRESARIAL | CRIMINAL | JUIZADO ESPECIAL
CÍVEL Inventário, Usucapião e outros | FAMÍLIA Divórcio, Alimentos e outros

Dr^a Marisa C. França dos Santos
OAB/PR 53125

41 3031.5259 / 3031.4688
41 9640.8786 / 9644.8114